



O estereótipo da xenofobia

Os estudos da antropóloga Adriana Dias sugerem que, do contingente total de simpatizantes dos ideais nazistas no [Brasil](#), um terço esteja em [Santa Catarina](#). O achado da pesquisadora reforça um estereótipo atribuído sobretudo aos estados do sul, mas é refutado por outros pesquisadores.

“Criou-se um senso comum de associar neonazistas às colônias de alemães, mas são acusações infundadas”, objeta o historiador René Gertz.

Gertz pesquisou sobrenomes dos envolvidos em casos considerados neonazistas e encontrou poucos alemães, fato confirmado pelo delegado Paulo César Jardim, um dos maiores especialistas no assunto dentro da polícia brasileira.

De fato, entre os acusados pelo ataque terrorista à Parada Gay de São Paulo, em 2009, aparecem sobrenomes como Alcântara, Ferreira, Carvalho, Miranda, Silva, Guimarães e Nascimento. O mesmo acontece no caso mais rumoroso de ataque neonazista no Rio Grande do Sul, quando, em 2005, um bando atacou três judeus em frente a um bar - os culpados começaram a ser condenados somente no ano passado, 13 anos depois do crime.

“(Entre os 14 réus), somente um tem sobrenome completo alemão. Outros quatro tem uma parte do sobrenome alemão e os demais, nada”, desmistifica René Gertz.

A regra vale também para o assassinato no Paraná: Barollo e Corrêa ao lado de sobrenomes como Fischer e Wendler, esses últimos, de origem alemã.

“Algumas pesquisas sugerem que não existe correlação direta entre imigração alemã ou italiana e a formação dessas células neonazi. O que aparenta ser mais impactante é a leitura que esses grupos, muitos deles jovens com baixo nível de formação intelectual, fazem dessas regiões marcadas pela imigração alemã e italiana, uma leitura que constrói essas regiões como um local de ‘pureza’ étnica e racial”, confirma o também historiador Odilon Caldeira Neto, professor do programa de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Maria.

Conservadorismo é marca das comunidades

Se não há relação direta comprovada entre imigração alemã e células neonazistas no sul do Brasil, pesquisadores também apontam que os hábitos mais conservadores dessas comunidades descendentes de imigrantes que, podem, por vezes, reforçar os ideais segregacionistas de Hitler.

Lançado em 2017, o documentário *Anauê*, do diretor Zeca Pires, se debruça sobre a sociedade de Blumenau, na região de colonização alemã de Santa Catarina para investigar as relações entre o passado nazista e a cultura da sociedade contemporânea.

“Há uma ligação pelo menos educacional e de espaço físico. Tem muitas pessoas que ainda defendem o nazismo. No filme, há depoimentos que colocam em dúvida o número de judeus mortos em campos de concentração, e de admiradores de Hitler que duvidam que ele tenha sido o comandante do genocídio”, revela o cineasta e historiador.

Também historiadora, integrante do corpo docente da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), Marlene Fávoro sustenta que as ideias nazistas “perduraram no imaginário e nas representações de pessoas e famílias de origem alemã”, embora saliente o conservadorismo da sociedade como um fator importante, especialmente no atual contexto.

Ela dá um exemplo: Santa Catarina lidera o ranking de violência doméstica contra mulheres no Brasil, dado que ela atribui também à herança da crença na eugenia. “De tempos em tempos há uma explosão dessas ideias, que tem crescido nos últimos anos”, acredita.

Fávoro observa que o atual momento político brasileiro é um ingrediente decisivo nesse caldo cultural. “O ambiente é favorável para essas elites que aceitam ideias conservadoras de exclusão, preconceito e xenofobia. Há ainda o aspecto religioso, que é um chamariz para ideias ultraconservadoras”, explica.

Já o historiador Odilon Caldeira Neto afirma a necessidade de não confundir as manifestações recentes com a organização de neonazistas profissionais. Apesar disso, não descarta que haja influência e defende que é preciso estudar as relações entre ambas.

“É necessário futuramente entrecruzar os dados de violência e simbologia nazista com a atuação desses grupos neonazi. Assim, será possível entender até onde esses atos são formas ligeiramente articuladas ou expressões mais diversificadas desse momento atual e do ódio à democracia que tem animado setores significativos do país”, conclui.